

BETAR & ARTES CULTURAS

#111 | SETEMBRO | 2019

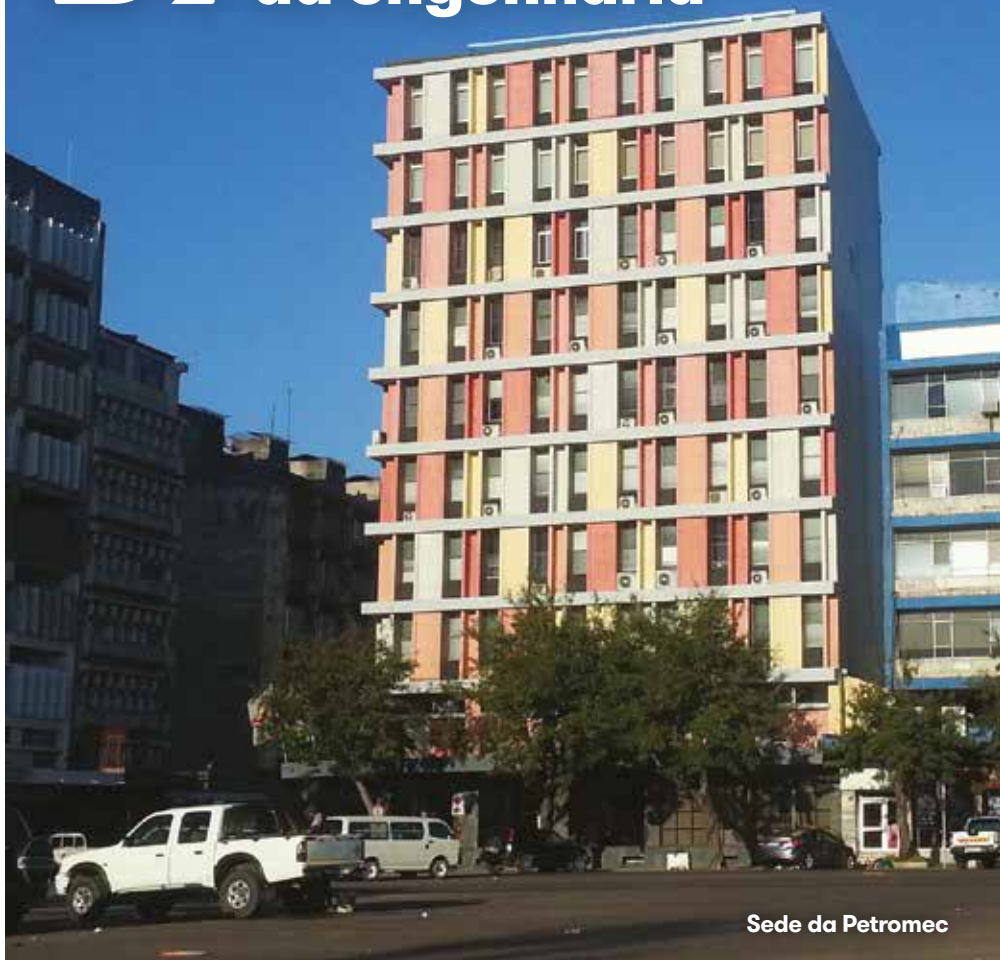
era uma vez

...em Hollywood.
O nono filme
de Tarantino
já chegou
ao grande ecrã

B
Betar



**Há 45 anos
na vanguarda
da engenharia**



Sede da Petromec

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia n° 53, 2° Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



No regresso das férias, a Artes&Letras continua a proporcionar uma boa seleção de eventos culturais, a decorrer no país e pelo mundo.

Na Fundação Calouste Gulbenkian pode ver uma mostra da pintora modernista Sarah Affonso, onde se destaca a influência minhota. “A Dama das Camélias”, de Miguel Loureiro, é a peça escolhida pelo teatro São Luiz, em Lisboa, para o início da temporada; enquanto que Nuno Cardoso leva ao Teatro de São João, no Porto, “A Morte de Danton”.

Quanto a música, na capital, Yann Tiersen apresenta o seu novo trabalho, no Campo Pequeno, e Mário Laginha e Pedro Burmestrer regressam ao CCB para mais um espetáculo imperdível. A norte, os Mão Morta atuam no Hard Club Porto e há uma série de concertos com maestrinas e solistas, na Casa da Música.

O entrevistado desta edição é o arquiteto João Luís Ferreira, do atelier Promontório, com quem já tivemos o prazer de falar em 2012. Nesta nova conversa, fomos saber o que mudou nestes 7 anos.

Nesta reentré decidimos inovar e criar uma nova rubrica. Porque conhecer o mundo também tem uma vertente cultural, a partir de agora pode contar com uma sugestão de um destino de viagem. Nesta edição, Quioto foi o destino eleito. Saiba o que pode encontrar na singular cidade japonesa. Esperemos que goste.

BETAR

A MzBetar foi responsável pelos projetos de engenharia civil do Edifício Latitude em Pemba, da autoria do Promontório Architects, para o Grupo Entrepasto



N

a província de Cabo Delgado, a mais promissora de Moçambique, onde se localiza a terceira maior reserva de gás natural identificada do mundo, foi concluída a construção do edifício mais alto da província.

É o primeiro de três edifícios que integram o Complexo Pemba Centre, um edifício para habitação e comércio, que se desenvolve em 10 pisos elevados e 2 caves para estacionamento.

O piso 0 destina-se a comércio e compreende uma zona exterior de passeio público e uma zona mais reservada semi-elevada, com jardim e piscina. Nos pisos elevados, as fracções distribuem-se em redor de um núcleo central onde se localizam os acessos verticais, comunicantes com o estacionamento.

As estruturas são em betão armado com muros de suporte periféricos no estacionamento, pilares e núcleos de paredes resistentes e lajes fungiformes, aligeiradas com moldes de plástico reciclado embebidos. Para sombreamento da fachada foram usados elementos de GRFC.

Edifício Latitude, Complexo Pemba Centre, Cabo Delgado, Moçambique

Ano do projecto 2013
Área habitação aprox.
10.000m²
Obra: Concluída
Dono de Obra: Grupo
Entrepasto
Arquitetura: Promontório
Architects
Especialidades: Fundações
e Estruturas

À CONVERSA COM

João Luís Ferreira

‘O potencial do país é muito superior ao partido que dele se tira. É fundamental atrairmos novos residentes. Que Portugal seja um destino de fixação e não de férias.’



JOÃO LUÍS FERREIRA - PROMONTÓRIO

Foi um dos primeiros entrevistados da Artes&Letras, em janeiro de 2012.

Passados 7 anos, o que é que mudou no panorama da arquitetura em Portugal?

O mundo não muda assim tão depressa. A partir de 2013 percebeu-se que a Europa iria preservar o seu bloco político e económico afastando o risco de saída de países como a Grécia ou Portugal; em simultâneo, a Europa descobriu Portugal, descobriu a qualidade do país, a qualidade dos arquitetos, dos engenheiros, dos serviços em geral, e isso criou uma corrente que, associada ao turismo e aos baixos preços do imobiliário e da vida corrente, gerou uma oportunidade de investimento com bastante segurança e margem de progressão. Esses fatores determinaram a confiança dos investidores estrangeiros em Portugal e isso conduziu a um aumento de encomenda.

Desde essa altura, o Promontório superou com sucesso uma profunda crise da construção a nível nacional. A internacionalização foi decisiva?

Pela sua dimensão, o Promontório sempre precisou de olhar o mercado global como o seu destino. Houve uma combinação de fatores que levaram a uma focagem mais intensa no mercado externo a partir de 2010, mas esse terá sempre de ser o nosso mercado. Gerar atividade num novo destino, conquistar a confiança de novos clientes, procurar e estabelecer parcerias e adaptar-se a todas as condições locais é trabalhoso e exigente e é, por isso, um bem que não se pode

depois desperdiçar. Não há razão para uma empresa portuguesa se confinar ao trabalho gerado internamente porque a natureza da nossa atividade apela por essa internacionalização.

O que é que falta para Portugal ser suficiente para a vossa atividade?

Em Portugal temos um problema de honorários que arrasta uma atividade e um grupo profissional para os limites da sobrevivência, quando poderia ser proveitosa, sobretudo, num momento propício e atraente para o investimento estrangeiro. Era importante que os arquitetos se valorizassem pelo benefício que a sua ação aporta à atividade do mercado imobiliário. E aqui o Estado poderia e deveria dar um sinal inequívoco não permitindo que a adjudicação de projetos da esfera pública se fizesse pela regra do preço mais baixo e, muito menos, permitir que os descontos, quando há preços de referência, possam chegar, no limite, a metade mais 1 euro. É inaceitável que, se o Estado reconhece que um preço referência está certo, atue como se fosse um privado no mercado livre, e assim, não dê o exemplo desprestigiando e infringindo prejuízos a um grupo profissional. O que se poupa com os arquitetos é benefício direto para os promotores e um prejuízo direto para os arquitetos baixando margens e salários e reduzindo a moral e a relevância do arquiteto.

Vê o investimento estrangeiro em Portugal como uma aposta para se manter por



muito tempo, ou é apenas um período especulativo?

Não creio que atravessemos um período especulativo. Até diria que uma certa fase que aproveitou a descoberta do nosso mercado e realizou mais-valias de curto prazo já terá passado. O que verificamos é que, em Lisboa ou no Porto, por exemplo, é necessário encontrar soluções residenciais para os lisboetas ou para os portuenses, e aí há uma aposta do investimento estrangeiro que é consistente e responde a necessidades concretas. No quadro europeu a oferta em Portugal é ainda muito atrativa e ainda somos um país onde há margem de crescimento com baixo risco. O potencial do país é muito superior ao partido que dele se tira. O que me parece fundamental é atrairmos novos residentes que estimulem a competitividade. Que Portugal seja um destino de fixação e não de férias. Seria também importante encontrar soluções para atrair os novos residentes para o interior do país seja através da indústria, do ensino ou de outros focos geradores de centralidades. Portugal tem de perceber que é o centro e não se resignar com a visão habitual de ser uma periferia.

O atelier lançou um livro, realizou uma

instalação de arquitetura no CCB... Que resposta têm tido deste tipo de iniciativas?

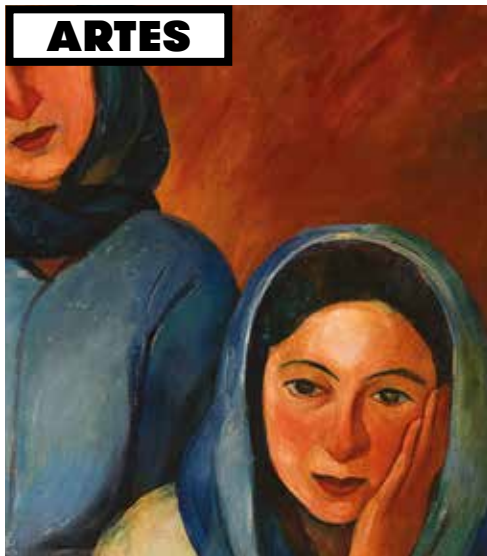
Têm sido positivas. A instalação no CCB de 2018 foi uma oportunidade de refletir sobre temas de arquitetura de uma forma, quase diria, lúdica, e trabalhar e investigar essa dimensão lúdica e intelectual directamente, sem outra finalidade que não a de desfrutar ou de recriar-se num espaço. Foi, como disse, uma oportunidade de por em evidência o que em muitas obras marcadas por programas e funcionalidades se esconde e às vezes até parece não existir.

Qual é a vossa visão para o futuro do atelier Promontório?

A nossa visão enquanto Promontório, por ser uma partilha de expectativas, assenta numa convicção de que a liberdade individual combinada com a aceitação do outro conduz aos melhores resultados. Assim, organizamos e controlamos o que há de material e físico numa estrutura funcional que tem de produzir com qualidade e rigor, e procuramos manter em aberto a iniciativa e a inspiração que cada um possa trazer ao enquadramento, ao debate e à decisão sobre o projeto. A confiança mútua é o valor principal e acaba por ser um gene estruturante.

SUGESTÕES

ARTES



Exposição Sarah Affonso e a Arte Popular do Minho

A pintora modernista, Sarah Affonso, procurou sempre um traço feminino, tanto no retrato de mulheres (lavradeiras, varinas, noivas, camponesas), como nas bijuterias, bordados, desenhos e pintura de cerâmicas. Esta exposição reúne várias obras inspiradas na iconografia popular do Minho, região que marcou fortemente a artista desde a infância, e que influenciou as suas criações artísticas. Outra parte da exposição integra vídeos, fotografias, documentos e ícones da tradição minhota, bem como um retrato de Sarah pintado por Mário Eloy, pintor modernista do século XX.

ATÉ 7 DE OUTUBRO

Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

TEATRO

A Dama das Camélias

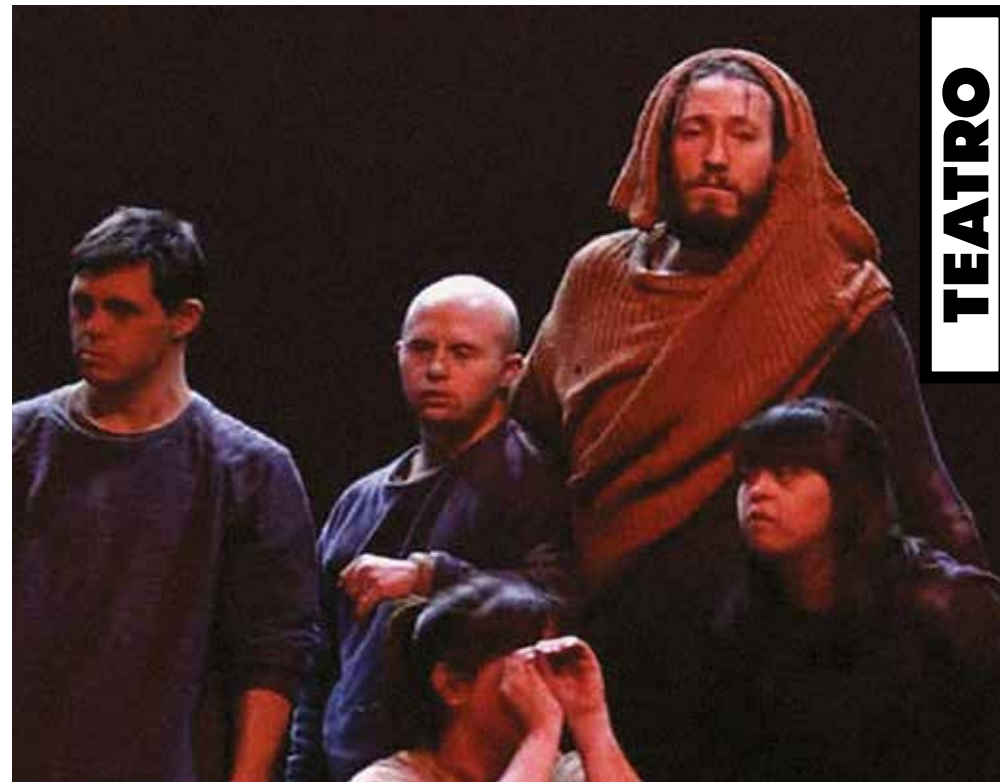
Miguel Loureiro está disposto, uma vez mais, a trabalhar um texto que é “património da arte teatral, do seu exponencial romântico”. “A Dama das Camélias”, de Dumas (filho), é para ele fundamental na prática da cena. Margarida Gautier é uma mulher mundana que vive em Paris no final do século XIX. Vive das conquistas masculinas que lhe garantem um nível de vida alto, mas acumula dívidas. Um dia conhece Armand Duval, com o qual acaba por iniciar uma relação. Gautier decide largar a antiga vida mas depressa os credores começam a rondar-lhe a porta e Margarida acaba por ter de deixar o seu amor. **DE 6 A 22 DE SETEMBRO**



São Luiz Teatro Municipal, Lisboa
Encenação: Miguel Loureiro
Interpretação: Álvaro Correia, António Durães, Carla Maciel, Gonçalo Waddington, Teresa Sobral, entre outros

Lisboa e Porto são as cidades portuguesas com maior oferta cultural. Seleccionámos uma variedade de eventos para que possa saber o que pode encontrar mais perto de si. Desfrute

TEATRO



A Morte de Danton

Esta peça mergulha no caos da Revolução Francesa, sendo também ela revolucionária. Georg Büchner opera uma feroz fragmentação da forma teatral tradicional e, através dela, vê um corpo social em permanente estado de convulsão e decomposição. Nas ruas de Paris, em 1789, os tempos são maus. Quem poderá fugir-lhes? E como pensar o tempo revolucionário neste tempo sem esperança em que vivemos? “A Morte de Danton” não deixou nunca de nos confrontar com perguntas difíceis. “Que importa se é de uma epidemia que se morre ou de uma revolução? Até quando continuará a humanidade a devorar o seu próprio corpo?” **DE 18 A 29 DE SETEMBRO**

Teatro Nacional de São João, Porto
Encenação: Nuno Cardoso
Interpretação: Afonso Santos, Albano Jerónimo, António Parra, Joana Carvalho, João Melo, Mafalda Lencastre, Margarida Carvalho, Maria Leite, Mário Santos, Nuno Nunes, Paulo Calatré, Rodrigo Santos, Sérgio Sá Cunha

MÚSICA E DANÇA



Música no feminino

ENTRE 14 E 29 DE SETEMBRO, CASA DA MÚSICA, PORTO

O meio musical foi pouco acessível às mulheres durante séculos, pelo que é bastante rara a audição de obras assinadas por compositoras até meados do século XX. A Casa da Música apresenta, neste festival inédito, um conjunto de figuras que desafiaram as convenções desde o período Barroco à atualidade.

Yann Tiersen

DIA 29 DE SETEMBRO, CAMPO PEQUENO, LISBOA

O criador das bandas sonoras de “Adeus Lenin” e “O Fabuloso Destino de Amélie”, Yann Tiersen, regressa a Portugal para transportar o público numa viagem sensorial e envolvente pelo seu mais recente álbum “All”, composto por temas envoltos no meio ambiente e na conexão com a natureza.



Mário Laginha e Pedro Burmester

DIA 20 DE SETEMBRO, CENTRO CULTURAL DE BELÉM, LISBOA

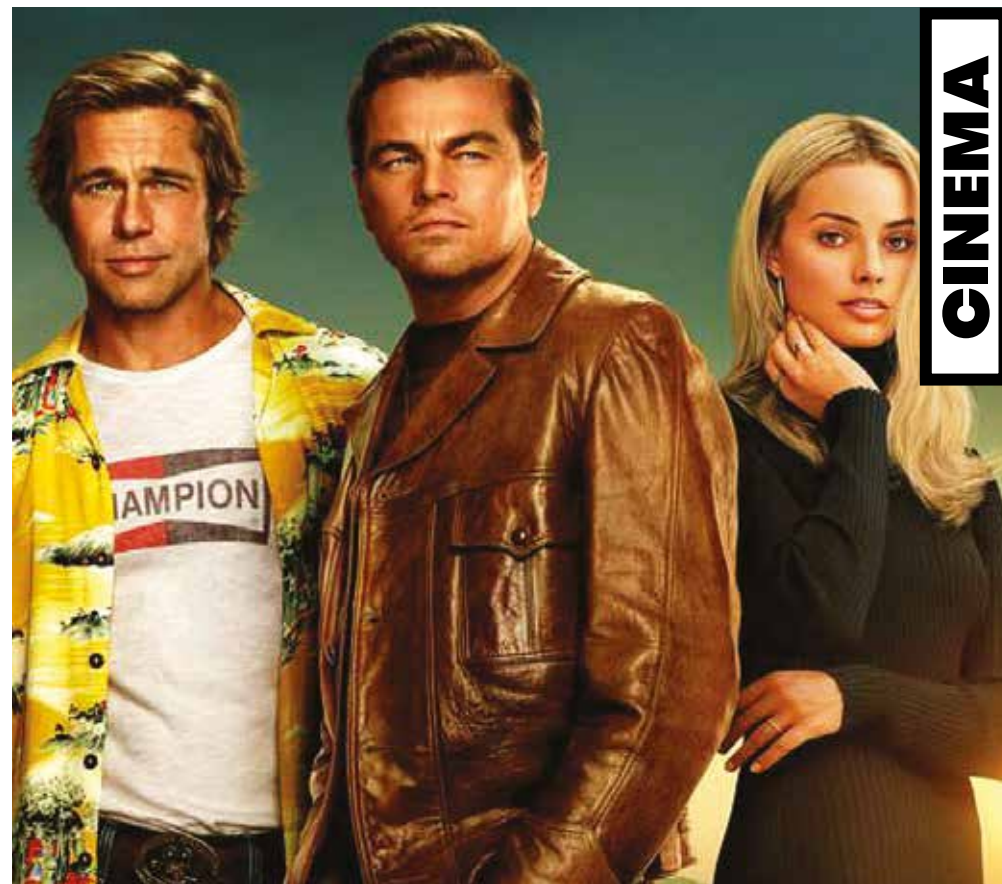
Mário Laginha enveredou por uma carreira mais próxima do jazz e Pedro Burmester seguiu um percurso mais orientado para o repertório clássico. Mas há cerca de 20 anos, os dois pianistas iniciaram uma colaboração da qual resultou o disco “Duetos” e muitos concertos. Este é mais um a não perder.



Mão Morta

DIA 28 DE SETEMBRO, HARD CLUB, PORTO

“No Fim Era o Frio” é o novo álbum dos bracarenses Mão Morta, que se apresenta como uma narrativa distópica onde conceitos como o aquecimento global ou a subida das águas do mar servem de ponto de partida para questionar e decompor paradigmas do quotidiano. Um concerto a considerar.



CINEMA

Era uma Vez em... Hollywood



Os fãs de Tarantino aguardaram com impaciência pela estreia de “Era Uma Vez em... Hollywood”, o mais recente filme do realizador norte-americano. Por fim chegou e está a ser um êxito.

A história, que tem lugar em Los Angeles, em 1969, baseia-se no homicídio de Sharon Tate às mãos do culto de Charles Manson. Rick Dalton (Leonardo DiCaprio), grande estrela de televisão, e o seu duplo de muitos anos, Cliff Booth (Brad Pitt), confrontam-se com uma realidade que já não reconhecem e tentam, a todo o custo, manter a fama na indústria cinematográfica.

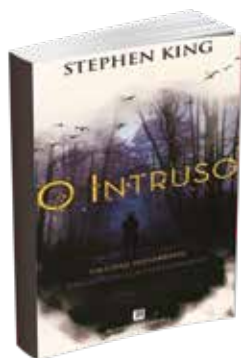
O nono filme do argumentista, que apresenta um elenco extraordinário, está repleto de histórias que homenageiam os momentos finais da era dourada de Hollywood.

De Quentin Tarantino
Com Leonardo DiCaprio,
Brad Pitt, Luke Perry,
Margot Robbie, Dakota
Fanning, Al Pacino, Tim
Roth
Reino Unido, EUA, 2019

PARA LER

Autobiografia José Luís Peixoto

Na Lisboa de finais dos anos noventa, um jovem escritor em crise vê o seu caminho cruzar-se com o de um grande escritor. Dessa relação, nasce uma história que mescla realidade e ficção, um jogo de espelhos que coloca em evidência alguns dos desafios maiores da literatura. A ousadia de transformar José Saramago em personagem e de chamar “Autobiografia” a um romance é apenas o começo de uma surpreendente proposta narrativa que, a partir de certo ponto, não se imagina como poderá terminar. José Luís Peixoto explora novos temas e cenários e aprofunda obsessões, numa obra marcante. “Uma luta do escritor jovem com amores e perdas, aventuras, personagens de outros mundos e vozes misteriosas, todas elas no compasso do ritmo próprio e consagrado de José Luís Peixoto.”



O Intruso Stephen King

Um rapaz de onze anos é encontrado morto. Todas as evidências apontam para que o assassino seja Terry Maitland, um dos cidadãos mais queridos de Flint City, professor de inglês, marido exemplar e pai de duas meninas. Maitland até tem um álibi forte, estava noutra cidade quando o crime foi cometido, mas os indícios de ADN encontrados no local confirmam que é ele o culpado. Aos olhos da justiça e da opinião pública, Terry Maitland é um assassino e o caso está resolvido. Mas o detetive Anderson não está satisfeito. Maitland parece ser uma boa pessoa, um cidadão exemplar. Terá duas faces? E como era possível estar simultaneamente em dois lugares? Por ser um romance de Stephen King, quando conhecemos a resposta, arrendemo-nos de ter formulado a pergunta.



VIAGEM

Quioto



Quioto é uma cidade única! Ao percorrer as pacatas ruas do bairro de Gion, encontramos uma zona de casas de madeira, repleta de história e, com sorte, podemos cruzar-nos com uma geisha - que mais parece ter rosto de porcelana - e participar com ela

numa cerimónia do chá.

Na capital cultural do Japão, por entre cenários naturais deslumbrantes, surgem imponentes templos, na sua maioria budistas. A não perder, o Kinkaku-ji (Golden Pavilion), o Fushimi-inari e o Kiyomizu-dera.

O silêncio e a calma reinam por todo o lado, sobretudo nos centros de meditação zen, com jardins extremamente bem cuidados. A famosa arte de criar bonsais pode ser apreciada em qualquer recanto da cidade. A contrastar com as delicadas árvores em miniatura, o Bamboo Grove oferece um percurso por entre gigantes caules de bambu. Bem perto desta floresta imensa encontra-se o Monkey Park, um retiro de macacos onde os primatas vivem livremente, numa espécie de comunidade, e até parece que posam para as fotografias.

A uma curta distância de Quioto, outro local de culto onde os animais são reis é Nara, uma pequena cidade, com mais uns quantos templos, conhecida pela enorme coleção de veados que convivem amigavelmente com quem por ali passa.

Quioto é, sem dúvida, um destino para conhecer. Pela sua singularidade e diversidade, pela espiritualidade e tranquilidade. Se procura algo assim, saiba que outubro é uma boa altura para a visitar.

NO MUNDO



Miriam Cahn Museu Reina Sofia, Madrid, Espanha

Para Miriam Cahn, desenhar, pintar, fotografar, esculpir ou escrever faz sentido quando coloca o seu próprio corpo em movimento, incorporando as coordenadas da idade e da condição física, colocando-as à prova. As suas mãos são a sua “ferramenta de pensar” e abordam os meios tradicionais, como a pintura a óleo ou o desenho a carvão, aparentemente anacrônicos, de forma não convencional, como procedimentos para estabelecer uma relação peculiar com o tempo. **ATÉ 14 DE OUTUBRO**



Oktoberfest Munique, Alemanha

O Oktoberfest é o festival de cerveja mais famoso do mundo e decorre todos os anos em Munique, atraindo milhares de pessoas. Para além das tendas de cerveja, destaca-se pelos grandes espetáculos de música ao vivo, parques de diversões e cortejos tradicionais para toda a família. Um evento de homenagem à cultura da Baviera cuja visita merece ser considerada, pelo menos, uma vez na vida. **DE 21 DE SETEMBRO A 6 DE OUTUBRO**



Tekno Campo de Maxaquene, Maputo, Moçambique

Pela primeira vez, o músico e dançarino nigeriano Tekno vai atuar em Maputo. Este concerto, que encerra o recém-criado “Maputo International Festival”, é resultado do pedido do público, que valoriza o ritmo da sua música e conhece bem os principais êxitos. Na lista de convidados constam músicos moçambicanos e sul-africanos como: Mr. Bow, Twenty Fingers, Ubakka e Humberto Luís. E depois, a festa continua com os Dj Dilson, Faya, Maphorisa e Prince Kaybee. **DIA 20 DE SETEMBRO**



OPINIÃO

The Post

Não vou tanto ao cinema como gostaria mas, ainda assim, posso eleger alguns filmes que me marcaram. O “The Post”, com Meryl Streep e Tom Hanks, foi um dos que mais gostei nos últimos tempos.

A história passa-se em 1971, quando os editores do jornal americano “The Washington Post”, Katharine Graham e Ben Bradlee, arriscaram as carreiras para expor segredos governamentais dos EUA. Trata-se de um thriller político que recorda a altura em que o governo de Richard Nixon tentou impedir os jornais de publicarem documentação ultra-secreta sobre o envolvimento norte-americano na Guerra do Vietname. O Supremo Tribunal considerou inconstitucionais os mandados emitidos por Nixon para impedir a publicação dos documentos, mas o maior foco do filme está no momento da decisão por parte da equipa editorial do então pequeno jornal dirigido por Kat. Apesar de já termos conhecimento do final da história antes do início do filme de Steven Spielberg, a saga que colocou a Casa Branca e a Imprensa num frente a frente, ímpar na história, é descrita com bastante suspense. A pressão que tantas vezes marca do dia a dia dos meios de comunicação social é ali espelhada na perfeição, uma vez que há um outro frente a frente decisivo: o editor do The Washington Post quer a todo o custo a publicação do material, em defesa do direito à liberdade de imprensa, e a diretora teme as consequências para o futuro da publicação, porque foi invocado o argumento da segurança nacional.

B
Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**



Bassadone Auto World em Gibraltar